

ITAÚ DE MINAS E A FÁBRICA DE CIMENTO: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA HISTÓRIA OFICIAL (2000-2001)

Gustavo Fernandes Domingues¹

RESUMO:

Este trabalho de História Ambiental tem como objetivo compreender a relação da memória oficial construída sobre a cidade de Itaú de Minas-MG com a fábrica de cimento local. Como a mineradora está mensurada na memória oficial desse lugar? Os custos socioambientais aparecem na história contada? Para responder essas indagações, é estudado fotografias e os trabalhos de três moradores locais produzidos no começo dos anos dois mil. A partir dessas conexões, vestígios são juntados para interpretar como a fábrica de cimento é lembrada.

Palavras-chave: Memória; Fábrica de Cimento; Itaú de Minas.

ABSTRACT:

This Environmental History paper aims to understand the relationship between the official memory of the town of Itaú de Minas-MG and the local cement factory. How is the mining company measured in the official memory of this place? Do the socio-environmental costs appear in the story told? To answer these questions, we studied photographs and the work of three local residents produced in the early 2000s. From these connections, traces are pieced together to interpret how the cement factory is remembered.

Keywords: Memory; Cement Factory; Itaú de Minas.

1 INTRODUÇÃO

A memória construída sobre a fábrica é de que ela foi responsável pelo “progresso” e “desenvolvimento” da comunidade, gerando empregos à população, enquanto seus custos socioambientais não fazem parte dessa história. Esse artigo mostra como essa memória vencedora, portanto oficial, compõe a história contada sobre o local estudado.

Para introduzir este debate, a análise de fotografias que foram preservadas, e capturadas ou utilizadas em momentos estratégicos (1941, 2001, 2024), fornecerá um ponto de vista que

¹ Historiador ambiental pós-graduando no curso de mestrado acadêmico em História pela Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica. Bacharelado e licenciado em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pelo Instituto de Ciências Humanas do Pontal (ICHPO). E-mail: gustavo.domingues@ufu.br.

dialogará com todo o texto. Esse giro no tempo, revela a paisagem local sendo compostas por símbolos de modernidade que se repetem. Essa análise introdutória, revela a relação simbólica construída sobre a fábrica de cimento na identidade local. Além destas fontes, é também feito um estudo de memória dos autores que escreveram seus trabalhos em 2000 e 2001. A tese de dissertação de Moisés Alves Amorim, a monografia de Vânia Antônia Campos e o livro memorialista do primeiro prefeito de Itaú de Minas, Alberto Kirchner de Andrade, ambos moradores de Itaú de Minas.

Essas análises identificam semelhanças e diferenças que apontam para a construção de uma “história oficial”. Ao buscar a história da cidade, esses trabalhos cumprem um importante papel, eles constroem uma narrativa histórica sobre a comunidade estudada. Por isso, esse trabalho ao cruzar as memórias, têm como hipótese que foi nesse contexto histórico (2000-2001) que se formou um campo de “memorialistas” sobre a história do município, o que Bourdieu chama de “campo de produção cultural”.

2 A PAISAGEM DE ITAÚ DE MINAS

De acordo com Simon Schama (1995), “paisagem” e “memória” são indissociáveis. Parto dessa relação para introduzir a análise de memória. A memória se manifesta também nos elementos visuais, o texto não-verbal implícito na paisagem é o atravessamento da cultura, corresponde aos elementos da memória de uma determinada sociedade ou grupo social.

Para observar aspectos dessa paisagem, será analisada três fotografias de épocas diferentes, utilizadas ou criadas em momentos significativos para o objetivo desse trabalho. A primeira foi criada durante o churrasco em que a fábrica fez para a inauguração do seu segundo forno em 1941, a segunda foi usada em 2001 no jornal de edição especial feito pela prefeitura para comemorar o aniversário de emancipação de Itaú de Minas e a última paisagem analisada é uma fotografia utilizada pelo jornal regional Folha da Manhã para anunciar notícias sobre Itaú de Minas em 2024.

Essas três fotografias revelam símbolos que permanecem ao longo do tempo, se tornando uma espécie de “cartão-postal” da cidade. Segundo Schama, “Perceber o contorno fantasmagórico de uma paisagem antiga, sob a capa superficial do contemporâneo, equivale a perceber, intensamente, a permanência dos mitos essenciais” (SCHAMA, 1995, p. 27).

Em 1941, a Cia. Cimento Portland Itaú, inaugurava o seu segundo forno, oferecendo um grande churrasco à população de Itaú e a vários convidados. Este churrasco foi realizado num antigo campinho de futebol que existia no final da atual Rua Alberto Knauff. [...] Nesta época Itaú possuía uma população considerável, estabelecida, principalmente em torno da Fábrica da Itaú (ANDRADE, 2001, p. 19).

A lembrança desse dia do ano de 1941, três anos após início das explorações socioambientais da Companhia de Cimento Portland Itaú, revela reflexões interessantes. Primeiramente, pelo fato de a mineradora fazer da inauguração do seu segundo forno uma comemoração pública, isto é, “um grande churrasco à população”. Esse acontecimento mostra o método de relacionamento da mineradora com a comunidade nos primeiros anos de sua existência.

Outro ponto interessante é a descrição da paisagem de Itaú de Minas nessa época. Essa caracterização de que a comunidade se estabelecia em torno da mineradora, compõem as paisagens construídas sobre essa comunidade até os dias atuais. Mesmo com a mudança do parque industrial para outro espaço na década de 1960², a presença dos lotes urbanos em meio às antigas chaminés da fábrica de cimento, ainda “fabricam” a paisagem construída sobre Itaú de Minas.

Fotografia 1



(AUTOR DESCONHECIDO, ITAÚ DE MINAS, 1941)

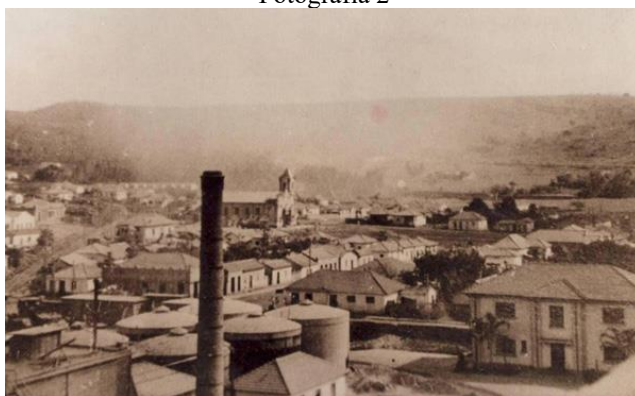
² A fábrica construída entre 1937 e 1939, fez com que os loteamentos fossem construídos ao entorno dela. Esse primeiro parque industrial funcionou até a década de 1960, quando gradualmente a mineradora mudou e aumentou o seu parque industrial para a localidade conhecida como “Região da Taboca”. Essa atual área industrial – a fábrica, fica ao lado da cidade, e não mais no meio.

A fotografia acima, referente ao dia do churrasco, está arquivada no site da prefeitura local. O enquadramento da fotografia mostra aspectos que se tornaram símbolos de Itaú de Minas, como as chaminés da fábrica e ao entorno, as casas e a igreja matriz. Esta fotografia, ou melhor dizendo, esta paisagem criada, não mostra as preocupações socioambientais e as desigualdades sociais presente nesse universo representado. Ao contrário, essa paisagem faz uma união harmoniosa entre a sociedade (multidão de pessoas), fábrica e a Igreja, considerando também o momento em que foi tirada.

Saber quem tirou a foto ajudaria a montar esse quebra cabeça paisagístico³. Em comparação a paisagem pintada, Schama diz que “[...] o gesto organizador do artista apenas se transfere da mão do pincel para o dedo obturador. E, nesse instante isolado de enquadramento, as velhas criaturas da cultura saem da toca, arrastando atrás de si as lembranças de gerações anteriores” (SCHAMA, 1995, p. 23).

Apesar de não conseguir relacionar as interpretações visuais à pessoa ou organização que escolheu o ângulo e tirou a fotografia, os sentidos e significados nessa fotografia permitem refletirmos sobre os símbolos que passariam a compor a paisagem/memória de Itaú de Minas.

Fotografia 2



(PREFEITURA DE ITAÚ DE MINAS, 2001, p. 3)

Essa outra fotografia, cujo ano em que foi tirada e autoria não foi identificado, é outro exemplo que mostra esses símbolos que compõem a paisagem frequentemente utilizada. Desta vez, a reflexão parte do um Jornal de edição comemorativa dos 14 anos da emancipação de Itaú de Minas realizado pelos grupos políticos na esfera do poder público no ano de 2001. Na parte do jornal que fala sobre a mineradora, cujo título destacado é “UMA AVENTURA - A fundação

³ Apesar desta informação ser desconhecida, essa foto é relevante pelo momento que foi tirada e pelo fato de ser uma das poucas fotografias preservadas até os dias atuais. Ela está digitalizada no site da prefeitura.

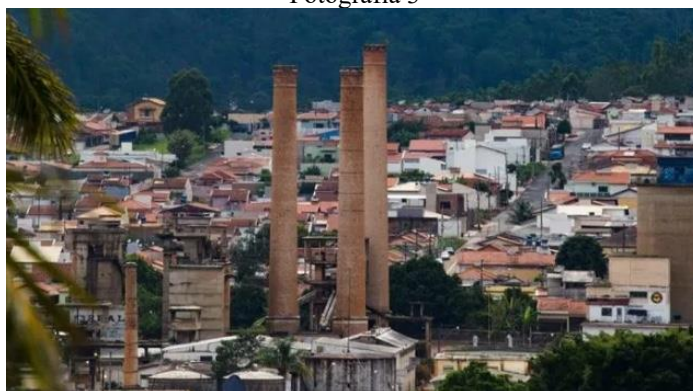
da Fábrica de Cimento”, é utilizado a imagem acima e trechos da monografia de Vânia Antônia Campos⁴.

[...] A fundação da Companhia de Cimento Portland Itaú veio aquecer a economia local atraindo para a região, além de trabalhadores, vários comerciantes que contribuíram para um desenvolvimento diferenciado em Itaú.

A paisagem familiar da cidade modificou-se a partir de então. A construção deu origem ao processo de migração devido à oferta local de empregos, e possibilitou a adaptação do trabalhador rural à cena industrial (ITAÚ DE MINAS, 2001, p. 3).

A noção da paisagem nesse documento é construída pela junção do texto verbal e não verbal. A noção de ruptura e modificações acontecidas com a vinda da mineradora proposto pelos “verbos” citados, em contraste com a fotografia acima, revela essa paisagem frequentemente utilizada sobre Itaú de Minas, desta vez memorada na efeméride da emancipação em 2001.

Fotografia 3



(FOLHA DA MANHÃ, PASSOS, 2024)

Já esta fotografia acima, foi usada em 2024 na manchete do principal jornal regional - Folha da Manhã, denominada “Itaú tem a melhor qualidade de vida na região, aponta IPS” (RENATO, 16 de julho de 2024). Como na análise da fotografia anterior, a paisagem nesta também é criada pelas intenções do texto. Essa fotografia não foi usada somente na notícia comentada, ela é usada para construir paisagens em outras notícias⁵. Essa repetição, reforça mais ainda sua função enquanto “paisagem de Itaú de Minas”. Esse universo simbólico está apoiado na “memória oficial”, onde os custos socioambientais não fazem parte.

⁴ Trechos da página 47 da sua monografia de 2001.

⁵ Títulos de outras notícias na qual foi vinculado essa fotografia: “Prefeitura de Itaú retoma festa do peão no Festival Raízes”, “Votorantim abre inscrições para Jovem Aprendiz em Itaú” e “Itaú disputa prêmio entre municípios mineradores do país”.

O jornal traz uma tabela com vinte e sete cidades do espaço chamado de sudoeste mineiro, sendo Itaú de Minas a com o melhor índice entre elas. O Índice de Progresso Social (IPS), segundo os institutos e fundações que criam esse índice, o método se baseia nos indicadores do Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, Conselho Nacional de Justiça, entre outros. Mas será que a qualidade de vida é um exemplo entre as vinte e sete cidades comentadas? Façamos um giro no tempo.

Nos anos de 2008, 2009 e 2010, a Secretaria de Meio Ambiente responsável registrou emissões acima do permitido de dois poluentes nocivos à qualidade de vida dos itauenses, o Monóxido de Carbono e o Material Particulado⁶. Por causa dessa poluição acima do permitido, o Ministério Público entra com uma Ação Civil Pública contra a mineradora, o processo foi arquivado em 2017. Nesse processo, a fábrica foi autuada a instalar um outro filtro para amenizar a poluição atmosférica.

Em 2004, um vizinho da fábrica, Laureano de Souza Amorim, foi à Promotoria de Justiça da comarca local denunciar a fábrica por poluição hídrica e atmosférica. Segundo ele,

Que sabe que constantemente é feita medida da quantidade de poluição emitida pelas chaminés, porém essa medição é feita somente durante o dia, e durante a noite acredita que as chaminés são liberadas para limpeza dos filtros, o que faz com que a poluição seja muito maior à noite. Que tem medo de que a poluição seja prejudicial à saúde, tanto a que fica nas hortaliças quanto a que é respirada (MPMG-0529.11.000019-5, 2012, fls. 4).

Voltemos mais ainda no tempo, para dialogar com a paisagem construída na última fotografia, visto que o texto verbal (enunciado⁷) também a compõe. De acordo com o Relatório Municipal de Desenvolvimento Integrado de 1970 do Município no qual Itaú de Minas era distrito na época – Pratápolis,

O Grande problema da cidade de Itaú de Minas é a poluição da atmosfera, pela poeira lançada pela Cia. de Cimento Itaú, ficando a cidade bem na direção dos ventos dominantes, estando, pois, os telhados das habitações permanentemente cobertos de poeira, bem como as vias públicas, o que torna uma cidade, de certa forma, inóspita (PRATÁPOLIS, 1970, p. 54).

A qualidade de vida em Itaú de Minas deve ser questionada quando a prerrogativa for as questões socioambientais, como por exemplo a poluição atmosférica. Enunciar que Itaú de Minas tem a melhor qualidade de vida na região em junção com a fotografia analisada, com a

⁶ Processo n.º 0025323-18.2012.8.13.0529, encontra-se fisicamente no acervo da Promotoria de Justiça da Comarca de Pratápolis.

⁷ “Itaú tem a melhor qualidade de vida na região, aponta IPS”.

simbologia da chaminé da antiga fábrica de cimento em meios às casas, corrobora com a visão da memória dominante, no qual associa-se a fábrica à modernidade (progresso, desenvolvimento, emprego).

De acordo com Schamas (1995, p. 17), a lembrança é uma das camadas da paisagem. A presença das chaminés da fábrica antiga, continua compondo esse ponto simbólico da “paisagem” de Itaú de Minas. Considerando a última paisagem analisada, a fotografia usada continua sendo referente a fábrica que já foi desativada, isso mostra o quanto simbólico é, ainda persiste nas associações à cidade, nas lembranças.

O indício da chaminé da fábrica, o principal símbolo de modernidade nessas análises, está sob diferentes ângulos nas fotografias. Quem tirou as fotos, independentemente do local onde estava no espaço urbano no momento do *click*, enquadrrou a câmera de modo que as chaminés não ficassem de fora da paisagem construída. Esse símbolo carrega consigo o significado de modernidade, como veremos, esse sentimento também está nas memórias construídas nos trabalhos de Alberto Kirchner de Andrade (livro), Vânia Antônia Campos (monografia) e Moisés Alves Amorim (dissertação).

3 2001, UM CAMPO DE MEMÓRIA SURGE?

Quem for fazer uma pesquisa sobre a história de Itaú de Minas, irá encontrar três trabalhos sobre a história da cidade. Uma monografia que está digitalizada no acervo da Universidade de Franca (Unifran). Através das referências desse trabalho defendido em 2001 ou de conversas com alguns itauenses, poderá encontrar o livro de memória do primeiro prefeito de Itaú de Minas também publicado no mesmo ano, em 2001. Este não está digitalizado. Esses dois trabalhos dialogam, a memória construída é de atores em comum neles, como o próprio ex-prefeito. Por isso a hipótese de que nessa época, surge um campo de memórias que contam a história local, oficializando-a.

Timidamente, na monografia é referenciado outro importante trabalho sobre a história de Itaú de Minas, uma dissertação que está arquivada e não digitalizada no acervo da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Franca, defendida um ano antes aos outros dois, em 2000. Esta dissertação, diferentemente dos outros trabalhos, é sobre outro contexto histórico - (1910-1937), enquanto a monografia e o livro constroem a memória da emancipação política da cidade que aconteceu em 1987. A diferença do objeto discutido, não determina que a memória dos grupos políticos vencedores da emancipação, presente nos outros autores,

estivesse presente nesse também. Apesar desses diferentes trabalhos estarem conectados ao mesmo período histórico, a análise deles aponta semelhanças e diferenças significativas.

3.1 Vânia Antônia Campos

Vânia Antônia Campos é professora na rede básica de ensino em Itaú de Minas, graduou-se em História na cidade paulista vizinha Franca em 2001, na faculdade privada Unifran (Universidade de Franca). Nasceu em Itaú de Minas em 1979 e tinha 22 anos no ano da defesa. Entre os anos de 1998 até 2001, fez um “Curso de Graduação” em Ciências Sociais na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), na época em que ainda não era pública⁸, onde desenvolveu uma pesquisa nos asilos a fim de identificar as condições de vida neles.

Ela diz ser pesquisadora do município de Itaú de Minas, “[...] para a publicação do Jornal em comemoração do 14º aniversário de emancipação política, quando, também, foi montada uma fita de vídeo que relata a história da localidade, através de fotografias, desde o início do séc. XX” (CAMPOS, 2001, p. 2). É nesse momento que Campos está articulada com o grupo político da prefeitura, é nesse jornal que ela menciona, que analisamos a segunda fotografia na primeira parte deste trabalho.

A monografia de Vânia Antônia Campos, defendida em 2001, tem como objeto pesquisar o processo de emancipação política e administrativa de Itaú de Minas. Apesar de esse ser o foco, seu trabalho constrói a memória de vários aspectos da cidade, como veremos sobre a fábrica. Seu trabalho pretende construir uma memória histórica, não somente sobre o processo político, essas intenções estão claras, inclusive no título de um dos tópicos denominado de “História Oficial de Itaú de Minas”.

Desse modo, veremos as “paisagens” de Itaú de Minas construídas por Campos. Começamos com a descrição que ela faz sobre a cidade na década de 1990, dizendo que a cidade “É hospitaleira com vários projetos de solidariedade em ação, onde investimentos e progresso caminham juntos, tornando-se assim uma cidade modelo, com experiência de um velho, mas com sonhos de um adolescente de 14 anos” (CAMPOS, 2001, p. 55).

Uma cidade “hospitaleira”, com “investimentos” e “progresso”, isto é, uma “cidade modelo”. Essa descrição é um ótimo exemplo para retomarmos a análise da fotografia utilizada para noticiar a suposta qualidade de vida de Itaú de Minas. A ideia de que essa cidade representa o progresso, se manifesta na memória. Ainda nesse mesmo sentido, ao refletir sobre o processo

⁸ A UEMG se tornou pública em 2007.

de emancipação, Campos diz que “Atualmente, mesmo estando diante da instabilidade política, econômica e social reinantes em nosso país, Itaú de Minas caminha dentro de suas possibilidades em direção ao progresso” (CAMPOS, 2001, p. 100). Na interpretação dessas palavras, Itaú de Minas parece não fazer parte da realidade do país.

Quando ela descreve Itaú de Minas na década de 1920, o sentimento em relação ao progresso, que segundo ela ainda estava por vir com a instalação da fábrica, não deixa de aparecer. Ela diz que “[...] Itaú era um pequeno povoado, com dezenas de casas ao redor da estação, um lugar tranquilo e desprovido de avanço e conforto [...]” (CAMPOS, 2001, p. 58).

Independentemente da época que está sendo lembrada, a memória construída por Campos está sendo construída no ano 2001. As lembranças não são retratos fiéis aos fatos e contextos históricos lembrados (década de 1990 e 1920), mas são reflexos da memória construída no ano de 2001. Essas memórias estão ligadas a fatores da época em que foram escritas, elas têm um caráter vivo, político e simbólico, é “[...] um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1993, p. 9).

Dizer que Itaú de Minas antes da vinda da fábrica de cimento era um lugar desprovido de avanço e conforto, é associar que o “progresso” e o bem-estar – “conforto” dos itauenses está estritamente ligado a cimenteira. Justificar a ideia de “progresso” à presença da fábrica, é no mínimo compreensível, pois o desenvolvimento urbano da localidade estudada se explica pela vinda da Cia. de Cimento Portland Itaú, ela potencializa as redes comerciais da comunidade. Agora, ao associar isso ao sentimento de “conforto”, traduz a subjetividade buscada nessa análise.

A memória oficial construída sobre Itaú de Minas coloca no esquecimento os desconfortos causados pela fábrica, os impactos socioambientais não são interpretados nessas memórias. Como foi discutido no tópico anterior, diferentes documentos apontam indícios de que os impactos sempre aconteceram. Isso abre interpretação para pensar que a população interpretava sim os impactos, já a memória oficial, não.

Em relação ao fundador da empresa, Joaquim Mário de Oliveira, Campos diz que:

[...] Joaquim Mário sabia onde pisava. Ele já conhecia Itaú e suas terras ricas em jazidas de calcário, pois era um dos donos de uma empresa concessionária de energia elétrica sediada em São Sebastião do Paraíso, a 57 km de Passos, e costumava andar pela região, guiado por sua curiosidade (CAMPOS, 2001, p. 46).

Será que “curiosidade” é o melhor sentimento para explicar historicamente os anseios do latifundiário e empresário Joaquim Mário de Souza e Meirelles? Usar a palavra curiosidade

ao relacioná-lo com o espaço estudado, constrói uma memória no qual o fundador da fábrica é visto como o empreendedor. Sendo que os custos socioambientais provocados por seus negócios, não é considerado nessa narrativa construída, isto é, nessa interpretação atribuída a ele.

3.2 Alberto Kirchner de Andrade

O pai de Alberto Kirchner de Andrade veio da Alemanha para Itaú de Minas na década de 1930⁹, seus negócios eram as chamadas “Caeiras”, nome dado para a fabricação de cal realizada em fornos revestidos de tijolos, onde “calcinavam” a pedra calcária. As jazidas de calcário já eram identificadas no local estudado, já eram, em expressiva menor medida, comercializadas¹⁰. Em 1962 seu irmão foi eleito para vereador e em 1963 foi vice-prefeito. Desse modo, Andrade assim como Campos, nasceram em Itaú de Minas, o ambiente político para ele estava dentro inclusive dos espaços privados, considerando que sua família atuava politicamente na comunidade.

Em 1970 Andrade entra para a política como vereador, dali não sai. Aí está o objetivo principal da memória construída por ele, destacar ele e seu grupo político e social no processo de emancipação de Itaú de Minas, na construção de uma história. Quando emancipado, Andrade se torna o primeiro prefeito de Itaú de Minas (1989-1992). Em 2001 ele lançou seu livro de memórias, onde narra cronologicamente a história desse espaço, começando pela colonização. Se preocupando em falar sobre as origens, “primeiro lote”, “primeira Igreja”, “primeira escola”, “instalação das usinas hidrelétricas e da CCPI¹¹”, até começar a narrar a história da emancipação.

Assim como as similaridades apontadas entre as paisagens construídas tanto pelas fotografias quanto por Campos, os significados de “progresso” e “modernidade” atribuídos à memória da fábrica de cimento também está presente em Alberto Kirchner de Andrade. Apesar deste fazer um silenciamento político da fábrica na medida que precisa destacar o espaço do seu grupo na história, as interpretações atribuídas à fábrica sobre sua relação com a cidade, são pautadas pela memória da modernidade. A falar sobre a construção da fábrica, Andrade diz que

Em 1937, apesar dos problemas de ordens econômicas e sociais, normais para uma região desprovida de meios adequados para receber um impacto de investimentos de capital e riquezas, nosso povo soube conceber na sua singularidade urbanística mais

⁹ Andrade (2001, p. 19) diz isso, e não explica o motivo da imigração.

¹⁰ Não foi a “curiosidade” de Joaquim Mário como Campos diz, que explica a construção da fábrica de cimento nesta época. As jazidas já eram comercializadas.

¹¹ Sigla do nome da fábrica na época (até 1977), Companhia de Cimento Portland Itaú.

uma expressão arquitetônica, testemunha da maturidade dos homens que a idealizaram (ANDRADE, 2001, p. 16).

Nessa memória, a relação entre a fábrica e a população é construída de forma harmônica. A paisagem que Andrade cria, assim como nas fotografias analisadas, remete ao antigo parque industrial da Votorantim Cimentos, a “expressão arquitetônica em meio a singularidade urbanística” é a fábrica de cimento. Não há uma reflexão crítica sobre os impactos socioambientais provocados pela mineradora, ao contrário, a memória dos fundadores estão postas de forma muito carinhosa por esses autores.

Há um predomínio das noções de “progresso”, de crenças da modernidade. Nesse sentido, outro elemento que compõe a paisagem moderna de Itaú de Minas, além da fábrica (chaminés) e a igreja, são as memórias da estação ferroviária da cidade. Ao falar sobre a instalação da fábrica, ele diz que Itaú de Minas se tornou em um “[...] irresistível polo gerador de desenvolvimento para toda a região e que a ESTAÇÃO DE ITAÚ, seria o berço histórico de uma das mais importantes empresas brasileiras produtoras de cimento e cal” (ANDRADE, 2001, p. 17).

Ao construir memórias sobre a primeira década da fábrica nesse espaço, ele diz que “A Cia. Cimento Itaú, continuava sendo a maior fonte de recursos do município, bem como a maior empregadora, tendo contribuído muito para o progresso de Itaú de Minas (ANDRADE, 2001, p. 24)”. Outro elemento que chama atenção é a memória da mineradora enquanto “empregadora”. O argumento do “emprego” é mais um elemento dessa paisagem moderna. Esse argumento se repete na defesa da fábrica em diferentes processos criminais.

Ele não se propôs a fazer um trabalho historiográfico, guiado por métodos, teorias e conceitos, e sim um trabalho de memória. Quando chega na década de 1970, é quando ele começa a escrever suas memórias biográficas. Os processos políticos de emancipação de Itaú, ganha o centro na “história oficial”, a memória dele (memória individual) e do seu grupo social (memória coletiva) aparece ao passo que a exclusividade da fábrica de cimento desaparece. Isso se explica pelo próprio propósito dele ao escrever o livro, que é narrar a história da cidade e a sua de modo que sejam uma só.

A fábrica nunca saiu dos espaços políticos, o motivo pelo qual os grupos políticos de Pratápolis dificultaram a emancipação do distrito de Itaú de Minas foi justamente pelo imposto gerado pela fábrica ao município, a cidade sede não queria perder a renda proporcionada com a arrecadação. Tanto é que, quando emancipado, foi acordado que o imposto pago pela fábrica

seria dividido aos dois municípios durante quatro anos (1988-1991), para não dificultar as finanças com a perda da maior empresa do município¹². Ao silenciar esse palco de fundo, as memórias dele e seu grupo social ganham mais espaço na “história oficial”, como sendo as grandes explicações para o processo.

O objetivo deste estudo é mostrar como a fábrica é lembrada na “história oficial”, compreender quais os sentidos históricos são atribuídos a um empreendimento multi poluidor. Nesse sentido, percebe-se que tanto Andrade quanto Campos, ao tratar a memória da fábrica, a relaciona com o “progresso”, “desenvolvimento” e “empregos”.

3.3 Moisés Alves Amorim

Já o historiador Moisés Alves Amorim¹³, em 2000 defendeu um trabalho apoiado em métodos na UNESP de Franca-SP. O fato dele ter pesquisado e escrito uma dissertação, não exclui o fato de que a memória também estava sendo ali construída. Assim como esse artigo, assume uma forma de construir a memória do espaço estudado e das relações que ali existem, que diferentemente da oficial, pautar os impactos causados pela fábrica. A questão é, que independente de método ou não, construímos memórias e paisagens, apesar dos resultados serem diferentes.

A história contada pelo itauense Moisés Alves Amorim atribui à fábrica interpretações que o diferencia dos demais trabalhos estudados. Seu trabalho tem como objetivo estudar os processos de modernização da região antes da construção da fábrica de cimento, buscando entender esse processo a partir de outros fatos intimamente ligados. Amorim conclui que esse processo maior de modernização deste espaço foi orquestrado pela elite local, significando a inserção do “sudoeste mineiro” à economia do estado de São Paulo. Essa captação de produtos pela economia paulista já acontecia nas proximidades, por causa das lavouras de café em São Sebastião do Paraíso, este município já fazia ligação com o estado de São Paulo.

Mas esse processo não para aí. No segundo capítulo, intitulado “Progresso no sudoeste mineiro: contexto histórico”, as análises de Amorim apontam que a construção de hidrelétricas e da ferrovia, eram as estruturas que estavam sendo montadas para que fosse possível a

¹² Essas informações foram encontradas em fragmentos do jornal Folha da Manhã guardados pela prefeitura de Pratápolis no pequeno museu da estação Cultural. O título da manchete é “Maioria na Câmara decide apoiar Novelli: Novelli não descarta mais demissões”, circulado dia 31 de agosto de 1989.

¹³ Em diálogo com o itauense Ronaldo Amorim, descobri que Moisés Alves Amorim morreu de acidente em 2009 na MG050, após voltar de carro da cidade de Passos pela madrugada. Já os outros autores (Vânia A. Campos e Alberto K. Andrade) estão vivos e ainda moram em Itau de Minas.

construção de uma fábrica de cimento. A logística que precisava foi sendo construída, a energia e a ferrovia para escoar o cimento. Interessante que há um nome por trás desses diferentes processos, o Joaquim Mário de Oliveira. Em 1910, foi ele que construiu a primeira hidrelétrica da região, trazendo o elemento essencial do processo de modernização, a energia. Com isso, ele lucrava com a venda de energia elétrica através da Empresa Elétrica Siqueira Meirelles e passou a ter a estrutura para que uma fábrica de cimento funcionasse ali, naquelas jazidas já identificadas. Até hoje, as hidrelétricas construídas na primeira parte do século XX pertencem à mineradora.

Além de lucrar e estar envolvido no processo de energia elétrica (1910), Joaquim de Oliveira também se envolveu com as jazidas de calcário após a instalação da Estação da empresa Mogiana neste local. Esta relação feita por Amorim sobre o fundador da fábrica, constrói uma outra interpretação histórica sobre a fábrica na história da cidade. O “progresso” e a “modernização” não são atribuídos unicamente à vinda da fábrica, mas à uma série de processos que explicam a construção dela. O fundador da fábrica aqui não é lembrado unicamente por ela, mas como um membro da elite local que articulava diferentes negócios, ligados ao processo de modernização.

No terceiro capítulo, intitulado “Transformação, Modernização e Resistência”, fala-se sobre a vinda da fábrica em 1937. É interessante notar a associação feita entre resistência e a fábrica, não somente enquanto força política e econômica, mas também como resistências no campo cultural. Porém, esta “resistência” dita por Amorim não significa um enfrentamento direto contra a fábrica, mas para a transformação de novos modos de vida, com rupturas e permanências. Para trabalhar isso, ele irá falar do “operário sertanejo”.

Segundo Amorim, “A modernização pode ser entendida como o desenvolvimento econômico que influi e interferiu nas formas como o lavrador-roceiro organizava a sua vida” (AMORIM, 2000, p. 49). Observa-se que o sentido atribuído pelo autor ao processo de modernização local, leva em consideração pontos não lembrados por Campos e Andrade. A transformação no modo de sociabilidade local é uma memória que não compõe a “história oficial”.

Ao criar a paisagem anterior à vinda da fábrica (década de 1930), ele diz que a população local “[...] era composta basicamente de lavradores-roceiros, o local era carregado de hábitos e tradições sertanejos, com o cultivo de roças de subsistência e as pequenas criações” (AMORIM, 2000, p. 52). Nesta parte, retomando o conceito de paisagem, é interessante analisar o “quadro

simbólico” proposto por Amorim. A figura do “sertanejo” se contrapõe à “modernização”, representada principalmente pela cimenteira. O título geral do trabalho é bem expressivo nesse sentido, “Transformação e Modernização em Itaú de Minas: da paisagem sertaneja à indústria do cimento”. O conceito de paisagem é utilizado por ele, mas não explicado teoricamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem de Itaú de Minas é construída, pelos circuitos de memórias e discursos, de modo que a fábrica seja lembrada pelo “progresso” e “desenvolvimento”, ao passo que seus impactos não fazem parte da história contada. O giro temporal feito através das fotografias (1941, 2001, 2004) na primeira parte, apresentou aspectos da memória que também são encontrados nos trabalhos estudados dos itauenses.

A ideia de resistência construída por Amorim, de que o “estilo de vida sertanejo” resistiu ao tempo às imposições trazidas pelo no “estilo de vida industrial” - por isso, “operário sertanejo”, pode ser um indício para pensar outras questões. Essa “resistência”, pode ser o sinal do *modus operandi* da propriedade privada com a presença da fábrica. Será que anterior à vinda da fábrica de cimento, podemos concluir que o acesso à terra era maior, e com a especulação imobiliária provocado pela mineradora, o acesso à terra diminui e forma-se assim uma “classe de operários” em Itaú de Minas? Talvez, a resistência dita por Amorim possa ser compreendida nesse sentido.

Falar sobre a história da resistência à fábrica de cimento, contribui na construção de uma outra memória, colabora para pensar o outro lado da história. Refletir sobre as experiências dos indivíduos que resistiram e enfrentaram a mineradora de alguma forma, é um caminho interessante para escrever essa outra história, que lembre da cimenteira por seus impactos, e não pelo “progresso”.

FONTES:

AMORIM, M. A. **Transformação e Modernização de Itaú de Minas: da paisagem sertaneja à indústria de cimento – 1910-1970**. Franca, UNESP, 2000.

ANDRADE, A. K. **Estação Itaú: berço histórico de uma cidade**. Itaú de Minas: Letrícia, 2001.

CAMPOS, V. A. **A Emancipação Política e Administrativa de Itaú de Minas**. Franca: Universidade de Franca, 2001.

COMARCA DE PRATÁPOLIS. Tribunal de Justiça de Minas Gerais. **Apuração de poluição atmosférica e de poluição hídrica n.º MPMG-0529.11.000019-5**. Representante: De ofício e Representado: CCPI – Companhia de Cimento Portland Itaú, de 2012.

_____. Tribunal de Justiça de Minas Gerais. **Crimes contra o meio ambiente n.º 0025323-18.2012.8.13.0529**. Representante: Justiça Pública e Representado: Votorantim Cimentos S.A., de 2012.

FOLHA DA MANHÃ. Maioria na Câmara decide apoiar Novelli: Novelli não descarta mais demissões. **Jornal Folha da Manhã**. Biblioteca Municipal de Passos. Passos-MG, p. 3, 31 ago. 1989.

ITAÚ DE MINAS, Prefeitura de. A fundação da Fábrica de Cimento: "UMA AVENTURA". In.: **Itaú de Minas: Trajetória de uma cidade progressista - Edição comemorativa de 14 anos de emancipação**, Itaú de Minas, p. 3, 10 set. 2001.

_____. **Itaú Fazendo História**. Editado por Ronaldo Amorim. Itaú de Minas: [s. n.], 20001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oliOVkct7n8>. Acesso em: 20 mar. 2025.

_____. **Site da Prefeitura de Itaú de Minas**. In: Galeria de Fotos. Disponível em: <https://itaudeminas.mg.gov.br/a-cidade/galeria-de-fotos/fotos-antigas>. Acesso em: 20 mar. 2025.

RENATO, Carlos. Itaú tem a melhor qualidade de vida na região, aponta IPS. **Folha da Manhã**, Passos-MG, 16 jul. 2024. Disponível em: <https://clicfolha.com.br/itau-tem-a-melhor-qualidade-de-vida-na-regiao-aponta-ips/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In.: **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993. p.7-28.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1995.